

Corpo e corporeidade na Educação Musical: entre o recurso pedagógico e a produção de sentidos

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Aline Moraes Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina

aline.ms@edu.udesc.br

Vânia Beatriz Müller

Universidade do Estado de Santa Catarina

vania.muller@udesc.br

Resumo. Este trabalho é fruto de uma pesquisa de doutoramento que busca tensionar a primazia da escrita e da razão na Educação Musical, reconhecendo no corpo e na corporeidade fundamentos para problematizar o tecnicismo da racionalidade moderna e os dualismos que sustentam esse paradigma. Desenvolvida no contexto das culturas populares, a pesquisa parte da compreensão do corpo e da corporeidade como instâncias constitutivas dos modos de conhecer e produzir sentidos. Com o objetivo de conhecer o panorama da produção brasileira que articula corpo/corporeidade e Educação Musical, realizou-se um levantamento de teses, dissertações e artigos científicos publicados em periódicos da área, evidenciando distintas abordagens sobre a temática. Embora coexistam concepções diversas acerca do tema, predominam estudos que compreendem o corpo como recurso pedagógico musicalizador ou suporte para a execução musical. Em contrapartida, o levantamento identifica concepções de corporeidade nas quais o corpo é compreendido como dimensão histórica, social, relacional, sensível e sagrada, ampliando o debate sobre corporeidade e produção de conhecimento na Educação Musical.

Palavras-chave. Corpo, Corporeidade, Educação Musical.

Title. Body and Corporeality in Music Education: Between Pedagogical Resource and the Production of Meaning

Abstract. This paper stems from a doctoral research project that seeks to challenge the primacy of writing and reason in Music Education by recognizing the body and corporeality as foundations for questioning the technicism of modern rationality and the dualisms that sustain this paradigm. Developed within the context of popular cultures in Brazil, the study is grounded in the understanding of the body and corporeality as constitutive instances of ways of knowing and meaning-making. In order to examine the panorama of Brazilian research that articulates body/corporeality and Music Education, a survey of theses, dissertations, and scientific articles published in journals in the field was conducted, revealing distinct approaches to the topic. Although diverse conceptions of the theme coexist, most studies understand the body as a pedagogical resource for music education or as support for musical performance. In contrast, the survey identifies conceptions of corporeality in which the body is understood as a historical, social, relational, embodied, and sacred dimension, thereby broadening the debate on corporeality and knowledge production in Music Education.

Keywords. Body, Corporeality, Music Education.

Introdução

Os estudos sobre a heterogeneidade das culturas musicais têm sido tema recorrente na área da Educação Musical há tempos em nosso país (Arroyo, 1999; Candusso, 2009; Müller, 2004; Müller; Mazini, 2024; Prass, 1998; Queiroz, 2005, 2010, 2020; Sodré de Souza, 2020). Suas reflexões são fundamentais para o entendimento tanto da potência do campo em produzir conhecimento a partir da diversidade das práticas musicais, quanto dos desafios e limites que a área enfrenta nesse cenário. A hegemonia dos valores civilizacionais europeus na Educação Musical requer de nós, educadoras/es e pesquisadoras/es, o empenho em ampliar nossos referenciais conceituais para reconhecer a diversidade de modos de fazer música presentes em nosso território.

Este trabalho é fruto de pesquisa de doutoramento que busca tensionar alguns desses valores, em especial a primazia da escrita e da razão. No campo musical, tais valores se desdobram na normatividade musical ocidental (Graeff, 2020) e no silenciamento epistemológico musical (Sodré de Souza, 2020), entendidos como expressões de matrizes hegemônicas que historicamente marginalizam e deslegitimam outros modos de conhecer e produzir música (Batista, 2018; 2020). A investigação se debruça sobre a performance musical nas culturas populares, especificamente da Ciranda, na qual música, dança, ancestralidade e comunidade constituem dimensões inseparáveis da prática musical. Esse cenário nos convidou a reconhecer no corpo e na corporeidade uma estratégia de enfrentamento às perspectivas hegemônicas de validação do conhecimento musical e aos dualismos modernos que sustentam tal paradigma: mente-corpo, natureza-cultura, escrita-oralidade.

A pesquisa em curso coloca em evidência corpo/corporeidade como dispositivo de produção de conhecimento a ser explorado em nossa área, e nos leva às seguintes perguntas: que ideia ou ideias de corpo podemos encontrar como fundamento na área da Educação Musical? De que modo a temática tem sido mobilizada na produção de conhecimento da área? Intencionando conhecer o panorama sobre a produção que articula corpo/corporeidade e educação musical no Brasil, buscamos mapear teses, dissertações e periódicos, a fim de compreender as concepções de corpo e corporeidade nas quais o campo tem se fundamentado. Longe de inventariar a totalidade das produções, o que apresentamos a seguir é uma reflexão a partir de diferentes concepções sobre a temática que emergiu deste levantamento.¹

¹ A busca pelos trabalhos que articulam corpo e Educação Musical foi realizada na Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), Revista da ABEM e revista Opus, utilizando como descritores as expressões *educação musical* e *corpo* ou *corporeidade*, sem recorte temporal, resultando num *corpus* de 62 trabalhos.



O lugar do corpo na Educação Musical

Existe uma diversidade de contextos de pesquisa, práticas ou abordagens que acionam a relação entre corpo/corporeidade em diferentes perspectivas na área da Educação Musical. Dentre eles, destacam-se canto coral, culturas populares, método Dalcroze, inclusão e deficiência, música corporal e ensino de instrumento. Essas categorias se destacam em um primeiro movimento de análise, oferecendo cada qual um grupo de trabalhos que se aproximam por suas temáticas.

Embora esse agrupamento nos ofereça um panorama dos campos de interesse de pesquisa em música no qual o corpo tem protagonismo, foi possível verificar que uma mesma prática ou contexto apresenta a coexistência de concepções distintas de corpo. Ou seja, práticas e contextos de pesquisa semelhantes não determinam, *a priori*, uma única ideia de corpo/corporeidade. Vale dizer, entretanto, que é possível observar concepções dominantes nas categorias mencionadas. Por exemplo, enquanto os estudos sobre ensino de instrumentos musicais trazem, em sua maioria, um recorte biológico e neuromuscular, com o objetivo claro de melhora da execução instrumental, saúde preventiva e bem-estar do músico, as pesquisas envolvendo deficiência têm como foco o desenvolvimento psicomotor a partir da educação musical. Nos trabalhos sobre música corporal, por sua vez, o corpo é entendido como recurso musicalizador, muitas vezes considerado suporte para a aprendizagem musical.

Do mesmo modo, observa-se nos trabalhos sobre canto coral a recorrência do entendimento do corpo como recurso pedagógico para atingir um objetivo musical como ritmo e afinação, associado a aspectos técnicos como respiração, postura e emissão vocal. Essa tendência pode ser observada nas formulações de diferentes autores: “a aprendizagem musical da afinação vocal, reprodução rítmica, identificação melódica e pulsação é facilitada quando o foco do trabalho são as práticas de movimentos corporais durante o processo criativo” (Góes, 2017, p. ix); “a relação do movimento corporal na construção do conceito de ritmo” (Bündchen, 2005, p. 5); ou o movimento corporal como estratégia pedagógica relevante “para promover a melhoria vocal dos alunos” (Santos, 2024, p. 6).

Fica claro, portanto, que existem concepções distintas e dominantes sobre corpo/corporeidade, a depender do contexto de prática músico-pedagógica onde ocorrem as pesquisas. A seguir, apresentaremos alguns trabalhos que deslocam estas perspectivas e aprofundam a discussão por diferentes vias conceituais.





Perspectivas críticas sobre corpo e corporeidade

Embora tenha sido possível identificar que os contextos de prática revelam conceituações aproximadas do que se entende por corpo/corporeidade, também identificamos que a temática pode ser direcionada por diferentes abordagens, independentemente do cenário de pesquisa.

Como visto, as pesquisas sobre canto coral, por exemplo, apresentaram a ideia dominante de corpo como recurso pedagógico para se alcançar um determinado resultado sonoro. Em contrapartida, o estudo de Góes (2023) investiga a relação entre a prática coral e o corpo, no contexto latino-americano, a partir do materialismo histórico-dialético. Fundamentado em Marx, Engels e Lukács, o autor compreende que a corporeidade se constitui historicamente na atividade produtiva. Ele parte da compreensão de que o sujeito é um ser natural, com potencialidades corpóreas que são colocadas em movimento por meio da categoria trabalho. Ou seja, é por meio do trabalho, enquanto mediador entre sujeito e mundo, que essas potencialidades são desenvolvidas, e ao transformar a realidade externa, o sujeito transforma também a si mesmo e suas formas de existir:

Essa materialidade subjetiva e social denominada corporalidade se manifesta em qualidades de movimentos corpóreos e cognitivos que, enquanto manifestação histórica e em sua contínua transformação, dialogam e manifestam as condições sociais e materiais das quais transversa a própria subjetividade. (Góes, 2023, p. 283)

O autor defende que, no contexto latino-americano, a organização da prática coral deve considerar as estruturas que historicamente produzem e mantêm as desigualdades sociais, uma vez que elas atravessam as experiências corporais e sonoras dos sujeitos. Assim, os meios e ferramentas utilizados na prática coral, compreendida como uma prática social que produz modos específicos de relação e disposições corporais, devem ser construídos a partir dessa realidade histórico-social, reconhecendo e potencializando a diversidade de experiências que constitui esse contexto, “e assim, por fim, podem-se construir caminhos para a reflexão acerca da *práxis* do canto coral em sentido objetivo/subjetivo a partir do delineamento da estrutura sociocultural” (Góes, 2023, p. 31). Desse modo, o autor propõe considerar a diversidade histórico-social que constitui a América Latina, bem como as corporeidades que se constituem nesse processo histórico, como fundamento para pensar a construção das práticas de canto coral.

Uliana Ferlim (2023) também nos oferece um ângulo de compreensão sobre o corpo que se destaca dos demais trabalhos sobre a prática da música corporal. Vale dizer, antes de





tudo, que as pesquisas sobre este tema predominam quando se trata da relação corpo/música. Nelas, o corpo é frequentemente entendido como instrumento musical, e a percussão corporal muitas vezes assume a função de agente musicalizador, associada ao ensino do ritmo por meio do movimento. Porém, o trabalho de Ferlim destaca o componente comunicacional e relacional da ligação entre corpo e música, fundamentada em Small, Bateson e DeNora:

A visão da dualidade cartesiana, mente *versus* corpo, como nos lembra o autor [Small], cai por terra. As experiências, deste ponto de vista, são incorporadas. As trocas de informações são sentidas, experimentadas, vividas. Implicam em um complexo processo de referenciação e significação. A base é o padrão que conecta, algo que está lá, nas trocas de informações, como fundamento para a significação, embora seja dependente dos diversos contextos possíveis. (Ferlim, 2023, p. 29)

Assim, o *padrão que conecta* passa a mediar o entendimento da relação entre corpo e música, afastando-se da noção dominante de percussão corporal como mero recurso pedagógico musicalizador.

Vale mencionar, ainda, o trabalho de Valéria Carvalho da Silva, que trata com centralidade o tema: *Corporeidade e educação, sinfonia de saberes na educação musical*. Fundamentada em Merleau-Ponty, Maturana e Paulo Freire, a autora propõe criar um princípio metodológico para a Educação Musical a partir da vivência dos saberes de *criar, brincar, sentir e pensar* (Silva, 2008, p. 71). A autora propõe o reencantamento da educação musical a partir da experiência sensível, e inclui a afetividade como ponto fundamental para uma prática na qual o corpo tem lugar privilegiado: amor, prazer e alegria como caminhos de sentido para a prática educativa. Silva defende que a ação pedagógica se construa a partir de uma convivência amorosa entre educadores e educandos, de modo a favorecer a consciência das próprias emoções e o respeito por si e pelos outros, movimento que a autora denomina “educar na biologia do amor” (Silva, 2008, p. 123).

Enquanto Góes, Ferlim e Silva apresentam concepções de corporeidade que se imbricam com perspectivas da sociologia, da filosofia, da educação e da antropologia, aprofundando a discussão sobre a ideia de corpo a partir de conceituações próprias dessas áreas, alguns trabalhos estão assentados em outras perspectivas epistemológicas. Os contextos culturais afrodiaspóricos e indígenas apresentam, cada um a seu modo, um corpo encantado, sagrado, no qual a separação corpo/mente não o atravessa. É o que se pode observar no trabalho de Margarete Conrado sobre os cortejos de Maracatu:





As dimensões históricas e culturais do corpo ressaltam as relações entre o Criador, natureza e cultura. Além disso, não há ambiguidade no conceito das pessoas entre o corpo historicamente construído e o sagrado; cada um é distinto e complementa um ao outro na veneração a Deus. Não existem conflitos quando o mesmo corpo da vida cotidiana participa também em rituais sagrados. No tempo apropriado, a dança-corpo integra o social, o histórico, o entretenimento, a religião, ou seja, é o sagrado. (Conrado, 2013, p. 135)

Ou no trabalho de Daisy Fragoso com a escola indígena Guarani Gwyrá Pepo:

O *xondaro* é, então, pessoa quando o termo se refere às funções espirituais ou políticas que ele ocupa ou que deve ocupar; e é corpo durante o *jeroky*. No entanto, no acontecimento-dança, *xondaro* é tanto corpo, quanto pessoa; é corpo-pessoa. Assim como os sentidos da palavra *xondaro* são múltiplos, o corpo-pessoa guarani também é múltiplo. Este corpo múltiplo é a própria pessoa guarani, que, enquanto canta e dança, conecta-se com as divindades, fortalece-se por meio dessa conexão, e se coloca politicamente na luta pelo seu *nhandereko*. É, dessa forma, um corpo-pessoa, da maneira como definido por Flores-Pereira et. al (2017, p. 196), cujos sentimentos, pensamentos, intenções assumem formas corporalizadas. (Fragoso, 2021, p. 66)

No trabalho de Margarete Conrado, o corpo está associado ao sagrado e à vida cotidiana, dimensões que se entrelaçam em uma corporeidade múltipla. De modo semelhante, a pesquisa de Daisy Fragoso junto à Escola Indígena Guarani Gwyrá Pepo apresenta a noção de corpo-pessoa, que ganha sentido nas distintas posições que ele pode ocupar, seja cantando e dançando, seja assumindo uma função política ou atribuição espiritual. Em ambos os casos, o corpo é compreendido em sua dimensão ontológica, enquanto constitutivo da própria existência dos sujeitos, e relacional, já que é produzido continuamente a partir das relações com a comunidade, com o território, com a natureza e com o sagrado.

Desdobramentos da pesquisa

Os horizontes teóricos nos quais a corporeidade é compreendida como expressão sócio-histórico-cultural nos afasta do lugar comum e hegemônico de pensar o corpo em sua dimensão mecânica, objetificada e separada da mente. Os trabalhos encontrados neste levantamento, que ampliam essa concepção, corroboram os aportes teóricos que sustentam a pesquisa de doutoramento, que buscou na Ciranda de Campo de Buraco², em Cumaru, município de Pernambuco, o contexto festivo e musical para a investigação.

² Para conhecer o contexto da pesquisa, ver o documentário *Ciranda de Campo de Buraco: Roda Viva da Cultura Cumaruense*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cPyQil8DniQ>



Depois de duas imersões etnográficas no campo de pesquisa, realizadas em março e junho de 2026, compreendemos a relevância de aportes afrodiaspóricos e ameríndios para a compreensão da experiência vivida, uma vez que ficou evidente que tais matrizes estruturam a performance musical da Ciranda de Campo de Buraco. A pesquisa de campo reafirma a condução teórica elaborada até o momento, fundamentada em um corpo/corporeidade como instância relacional e coletiva.

Nos orientamos por autores que destacam o caráter ritualístico, relacional e corpóreo das experiências humanas. Sodré de Souza (2020, p. 176) destaca o corpo como um dos fundamentos de uma tecnologia de construção de saberes musicais afrodiaspóricos — um corpo que é a própria música e que, em sua experiência individualizada, constitui, junto a outros corpos, uma experiência coletiva de mundo. O corpo enquanto um sistema de sistemas, que nos conecta com memórias de diversas ordens e que pode ser caminho para entendimento do fazer musical acionando diversas dimensões, inclusive, e sobretudo, o *sentir*. Para o autor, é sobre essa tecnologia, que ainda pouco se sabe no âmbito da educação musical, que podemos nos debruçar para produzir conhecimento nas diversas esferas da grande área da música, como na criação, no ensino e na execução.

Martins (2021), a partir de seus estudos sobre a performance fundamentada em filosofias africanas, afirma que o corpo em performance é via de “criação, fixação e expansão de conhecimento” e lugar de resguardo da memória (Martins, 2021, p. 33). A autora também destaca que o campo multidisciplinar da performance rompe a dicotomia entre oralidades e escrituras e se realiza em “ação, interação e relação” (Martins, 2021, p. 38). A partir dessa perspectiva, compreendemos a corporeidade como via sensível de conhecimento, na medida em que corpo, voz, pensamento, memória, identidade e tempo se apresentam de forma indissociável: o corpo no qual falamos aqui não está em oposição à mente, trata-se do que a autora concebe como *corpo-pensamento* (Martins, 2021).

Como nos ensina Le Breton: “tornar [o corpo] não um lugar da exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo o indivíduo e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros” (Le Breton, 2007, p. 11). O intelectual indígena Ailton Krenak, pertencente ao povo Krenak, destaca essas dimensões ao descrever experiências de dança e ritual compartilhadas por comunidades indígenas:

A gente podia pensar em um caleidoscópio onde um corpo dança num ambiente definido, às vezes é o terreiro de uma casa, ou de uma aldeia inteira, e se juntam centenas de pessoas, e todas sabem o que vão fazer ali. Não precisa ter um mestre de dança. Aquelas pessoas cresceram aprendendo aqueles





movimentos e os significados deles. Até constituírem um corpo de dança tão espontânea, todos sabem a hora de entrar e sair. [...] É como se aquela experiência abolisse todas as faixas etárias, todas as diferenças, que ali todos constituíssem UM corpo. (Krenak, 2024)

A autora Grit Koeltzsch, a partir de um estudo de caso em um contexto indígena andino na Quebrada del Toro, em Salta (Argentina), investiga como os corpos dançantes constroem sentidos por meio do movimento e da interação, destacando a empatia cinestésica como o trânsito gestual e emocional que ocorre entre os corpos nas danças andinas:

Al mismo tiempo, invita a pensar en la empatía kinestésica, es cuando percibimos a alguien expresando una emoción determinada y experimentamos o sentimos la misma emoción. Llego a esta conclusión por la propia experiencia en los bailes compartidos. Esto indica que estamos influenciados por los actos motores de las demás personas, pero también que nuestro sistema motriz desempeña un papel importante en cómo conformamos nuestra relación con el mundo. (Koeltzsch, 2025, p. 7)

A experiência corporal, sobretudo em contextos rituais e performativos das culturas populares, não se dá de forma individualizada, mas se constitui na relação e na interação sensível entre corpos. Na direção oposta da visão individualista e biomecânica do corpo, esses aportes estão fundamentados nas dimensões sócio-histórico-culturais que os constituem, o que dialoga diretamente com os trabalhos que destacamos neste levantamento.

Considerações

Corpo-pessoa, corpo sagrado, corpo sensível, corpo relacional ou ainda corpo compreendido desde sua posição histórica e social são perspectivas que emergem deste levantamento e apontam para concepções ampliadas de corporeidade, nas quais o corpo aparece como dimensão constitutiva dos próprios modos de estar no mundo. Apesar de cada um desses trabalhos oferecer diferentes entradas para a temática, não se instaura uma disputa de sentidos sobre a corporeidade, mas sim a formação de um conjunto complexo de significados que nos ajuda a ampliar sua compreensão.

Tais perspectivas aparecem de forma menos recorrente no conjunto dos trabalhos analisados. A concepção do corpo como recurso pedagógico musicalizador, e/ou como suporte para o que ali é considerado uma boa execução musical, e ainda, a concepção de corporeidade como tudo aquilo que se refere ao corpo e ao movimento, prevalece nos estudos encontrados. São trabalhos que não problematizam os aspectos sócio-histórico-culturais que constituem a corporeidade e os diferentes sentidos que o corpo ganha em cada contexto em que está inserido.



Mas é no terreno em que o corpo é lugar de produção de sentidos, de subjetivação, de vínculo social, de memória e de experiência sensível que buscamos nos enveredar, porque tal perspectiva ampliada de corpo pode oferecer ferramentas analíticas na busca por princípios e fundamentos que emergem da performance musical – concebida como um ritual social (Small, 1998) – e de tudo o que pode estar associado a ela. Princípios e fundamentos que foram esquecidos, negligenciados ou silenciados por forças culturais dominantes, mas que resistiram e resistem aos processos históricos de silenciamento e marginalização produzidos pelo colonialismo. Apostamos no potencial da corporeidade na busca por esses sentidos.

Diante disso, os próximos movimentos da pesquisa consistem em compreender como essas dimensões relacionais, sensíveis, ritualísticas e coletivas da corporeidade se manifestam nas performances da Ciranda de Campo de Buraco e quais princípios emergem dessas experiências.

Referências

- ARROYO, Margarete. *Representações sociais sobre práticas de ensino e aprendizagem musical: um estudo etnográfico entre congadeiros, professores e estudantes de música*. 1999. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 1999.
- BATISTA, Leonardo Moraes; MULLER, Vânia. *no musicAR: gênero, racialização, produção de subjetividades e educação musical*. 1. ed. Chapecó: Livrologia, 2021. v. 1. 197 p.
- BATISTA, Leonardo Moraes. *Educação musical, relações étnico-raciais e decoloneidade: tensões, perspectivas e interações para a educação básica*. Orfeu, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 112–135, dez. 2018.
- BÜNDCHEN, Denise Blanco Sant’anna. *A relação ritmo-movimento no fazer musical criativo: uma abordagem construtivista na prática de canto coral*. 2005. 232 f. Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- CANDUSSO, Flavia. *Capoeira Angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros*. 2009. 244 f. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- CONRADO, Margarete de Souza. *Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de Maracatu*. 2013. 273 f. Tese - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- FERLIM, Uliana Dias Campos. *Fluxo, improvisação e padrões que conectam: uma etnografia do musicar na Música do Círculo e suas implicações para a educação musical*. 2023. 209 f. Tese - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2023.

FRAGOSO, Daisy Alves. *Diários musicais: o musicar na escola estadual indígena Guarani Gwyrá Pepo*. 2021. 227 f. Tese - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

GÓES, Éderson Marques de. *Canto coral e corporalidade no contexto latino-americano: reflexões a partir do materialismo histórico-dialético*. 2023. 296 f. Tese - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2023.

GÓES, Éderson Marques de. *Processo criativo e movimento corporal como ferramentas pedagógicas no canto coral infantil*. 2017. 159 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

GRAEFF, Nina. Notas negras, pautas brancas. *Claves*, [s. l.], v. 9, n. 14, p. 1–28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/claves/article/view/57512>. Acesso em: 6 abr. 2025.

KOELTZSCH, Grit Kirstin. Alegría andina: la celebración colectiva de la corporalidad danzante en las fiestas populares de la Quebrada del Toro (Salta). *Libro de actas XIII CAAS 2025*, Jujuy, 2025.

KRENAK, Ailton. *Aula ao vivo ministrada no curso Danças Brasileiras*, Instituto Brincante, São Paulo, 2024.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Tradução: Sonia M. S. Fuhrmann. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

LUCAS, Glaucia; QUEIROZ, Luís Ricardo Silva; PRASS, Luciana; RIBEIRO, Fábio Henrique; AREDES, Rubens de Oliveira. Culturas musicais afro-brasileiras: perspectivas para concepções e práticas etnoeducativas em música. In: LÜHNING, Ângela; TUGNY, Rosângela Pereira de (org.). *Etnomusicologia no Brasil*. [S. l.]: EDUFBA, 2016. p. 237-276. Disponível em: https://ler.amazon.com.br/?asin=B082FM3NCG&ref_=kwl_kr_iv_rec_2.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MÜLLER, Vânia. Ações sociais em educação musical: com que ética, para qual mundo? *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 53–58, 2004.

MÜLLER, Vânia; MAZINI, Rafael M. Produção de subjetividades e educação musical: um ensaio para uma pedagogia musical crítica. *Revista da ABEM*, [s. l.], v. 32, n. 1, p. e32118, 2024. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/1363>. Acesso em: 6 fev. 2026.

PRASS, Luciana. *Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: uma etnografia entre os “Bambas da Orgia”*. 1998. 211 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. A música como fenômeno sociocultural. In: MARINHO, VANILDO MOUSINHO (org.). *Contexturas: o ensino das artes em diferentes espaços*. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba (EDUEPB), 2005. p. 49–65.



QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Até quando Brasil? Perspectivas decoloniais para (re)pensar o ensino superior em música. *PROA: Revista de Antropologia e Arte*, [s. l.], v. 1, n. 10, 2020. Disponível em: <https://www.luisricardoqueiroz.com/publicacoes>. Acesso em: 6 jun. 2024.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113–130, 2010.

SANTOS, Ana Cecília Ferreira Coelho dos. *O ensino do canto infantil: contribuições da educação musical*. 2024. 110 f. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SILVA, Valéria Carvalho da. *Corporeidade e educação: sinfonia de saberes na educação musical*. 2008. 150 f. Tese - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

SMALL, Christopher. El Musicar: un ritual en el Espacio Social. *Revista Transcultural de Música*, Espanha, v. 4, 1999.

SODRÉ DE SOUZA, Luan. Reflexões sobre música enquanto tecnologia negra feiticeira ou como as fricções epistemológicas são potências de criação de outras coisas na pesquisa em Música. In: CANDUSSO, Flávia (org.). *30 + 30: pós-graduação e música*. Salvador: EDUFBA, 2020.

